



C Alte (FN) Claudio Eduardo Silva Dias
eduardo@marinha.mil.br

As Operações de Informação e os Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav)¹



O C Alte (FN) **Eduardo** ingressou na MB por meio do Colégio Naval. Entre os diversos cursos realizados, são dignos de destaque o Curso Especial de Comandos Anfíbios em 1992 e o Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) em 2016. Como principais comissões, no 3ºBtlInfFuzNav (Batalhão Paissandu) como Comandante de Pelotão e Imediato de Companhia e, no Comando da Divisão Anfíbia, como Chefe do Estado-Maior. Comandou o 2ºBtlInfFuzNav (Batalhão Humaitá), o Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais e o Comando da Tropa de Reforço. Comandou, ainda, o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais no Haiti, em seu 15º Contingente. Atualmente é o Comandante Naval de Operações Especiais.

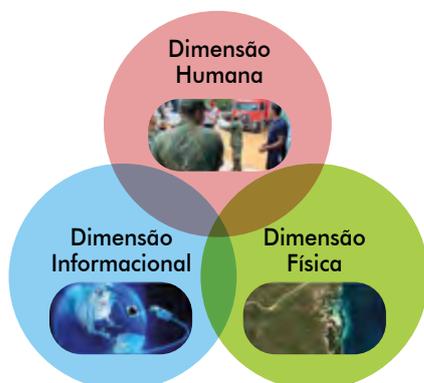
*"As pessoas não sabem o que querem, até mostrarmos a elas."
Steve Jobs*

1. As Operações de Informação (Oplnfo)

As Oplnfo não são um assunto novo, talvez, possuam uma nova roupagem com o advento das redes sociais e do interesse do público com suas possibilidades e alcance.

Para nos debruçarmos sobre o tema das Oplnfo, devemos antes conhecer alguns conceitos essenciais. Por Ambiente Operacional entendemos que se trata do conjunto de condições e circunstâncias que afetam o espaço em que atuam as forças militares e que interferem na forma como são empregadas. Uma das tentativas de modelagem do Ambiente Operacional o divide em três dimensões, a saber: a Dimensão Física, a Dimensão Humana e a Dimensão Informacional (Figura 1).

Figura 1: As dimensões do Ambiente Operacional



Fonte: Brasil (2018, p. 2-2).

A Dimensão Física preocupa-se, principalmente, com as características da Área de Operações e com a Situação Militar do Inimigo. Assim são preponderantes aspectos das condições meteorológicas, de relevo e hidrografia, além da ordem de batalha inimiga.

A Dimensão Humana contém os aspectos relativos ao tecido social da população da Área de Operações, que normalmente, serão a origem dos conflitos e comporão a sua solução.

A Dimensão Informacional engloba aspectos integrantes e influenciados, principalmente, pela revolução da Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC) ocorrida nas últimas três décadas, preocupando-se com a infraestrutura empregada, com os *softwares* e com a cognição resultante.

Nos conflitos do Iraque e no Afeganistão, após o 11 de setembro, os norte-americanos identificaram a necessidade de somar elementos humanos e informacionais aos esforços de análise e atuação que se concentravam na dimensão física da Área de Operações. Consideremos, também, que: a presença de atores estatais e não estatais; as operações se desenvolverem em áreas, normalmente, povoadas; e a necessidade de legitimidade para as operações militares são fatores muito importantes e, então, forçaram o desenvolvimento de métodos para a modelagem do Ambiente Operacional. As experiências conduzidas no Brasil se mostraram positivas e a doutrina vem sendo desenvolvida no âmbito do MD e das Forças Singulares.

Vários são os exemplos do emprego massivo da *internet* para a modelagem desejada. Podemos citar: as revoluções na Líbia, na Tunísia, no Egito e na Síria, desde 2010, conhecidas como Primavera Árabe; a revolução na Ucrânia que depôs um governo eleito e pró-Rússia que teve como consequências a perda da Crimeia (2014) e o conflito (2022) com a Federação Russa; e os violentos protestos no Chile, desde 2019, que culminaram com a convocação de uma Assembleia Constituinte.

Para prosseguirmos, já podemos enunciar a definição adotada para as Oplnfo:

¹Colaboraram neste artigo o CF (FN) Alexandre de Matos Machado, CF (FN) Salvador Mota Júnior, CF (FN) Robson Dos Santos e CF (FN) Cléber Pereira Marinho.

Consistem na coordenação do emprego integrado das Capacidades Relacionadas à Informação (CRI), em contribuição a outras operações ou mesmo compondo o esforço principal, para informar e influenciar pessoas ou grupos hostis, neutros ou favoráveis, capazes de impactar positivamente ou negativamente o alcance dos objetivos políticos e militares, bem como para comprometer o processo decisório dos oponentes, enquanto garantindo a integridade do nosso processo (BRASIL, 2018, p. 2-6-2-7).

Na Marinha do Brasil, o Comando Naval de Operações Especiais (CoNavOpEsp) é a Organização Militar de Orientação Técnica dessa área de conhecimento. Não são poucos os desafios que se apresentam para o aperfeiçoamento das OplInfo, particularmente por serem tratadas como um assunto sensível, havendo restrição de acesso às diretivas e aos cursos em países amigos. Os progressos obtidos mostram uma doutrina autóctone e, ainda, em construção.

2. As Capacidades Relacionadas à Informação

*“Uma mentira contada mil vezes, torna-se uma verdade.”
Joseph Goebbels*

A Dimensão Informacional é a parte do ambiente que o Comandante usará para atuar sobre a informação, possuindo três perspectivas – física, cognitiva e lógica. As ferramentas chamamos de Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) e as tradicionalmente consideradas são: a Comunicação Social (ComSoc), as Operações Psicológicas (OpPsc), as Ações Cibernéticas, as Ações de Guerra Eletrônica (GE) e de Guerra Acústica (GA), os Assuntos Cívicos (Ass Civ) e, eventualmente, as Operações Especiais (OpEsp).

Para o planejamento, o emprego e o controle em uma operação, o Comandante disporá de um Estado-Maior e de peças de manobra. Devemos ter em mente alguns princípios das OplInfo, entre eles o estudo aprofundado do público-alvo; que soluções heterodoxas são bem-vindas; que o planejamento é centralizado e a execução é descentralizada; que o planejamento será baseado em efeitos; e que o envolvimento e planejamento serão os mais precoces possíveis.

Para a coordenação das CRI disponíveis há o Oficial de OplInfo. Ressaltemos que se trata de uma relação de coordenação, não cabendo a subordinação, buscando-se efeitos estabelecidos pelos mais altos níveis de condução do conflito e evitando o fratricídio informacional. Uma das suas principais preocupações será o controle da narrativa, em que além de uma excelente comunicação, buscará “comunicar primeiro”.

Tendo em vista o grande número de CRI existentes, vamos nos limitar àquelas mais empregadas nos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav).

2.1. Operações Psicológicas

São procedimentos especializados e metodologicamente sistematizados, que têm por finalidade motivar públicos amigos, neutros ou hostis a manifestarem comportamentos desejáveis, com vistas

a apoiar a conquista de objetivos estabelecidos no planejamento militar dos GptOpFuzNav.

Compreendem ações e produtos complexos e sensíveis, que por essas características, prescindem de militares especializados para sua condução e planejamento, e de estudos aprofundados da área de operações e dos diversos grupos sociais presentes na região. A correta caracterização do público, através do Levantamento de Área para Operações Psicológicas (LAOP) e do Registro de Público-Alvo (RPA), é fundamental nas OpPsc, pois todo o esforço é dirigido ao público-alvo selecionado. A determinação das condições que afetam o público-alvo e a interpretação de suas vulnerabilidades orientarão o planejamento para a melhor maneira de desenvolver todos os recursos utilizados pelos Operadores Psicológicos, objetivando que os estímulos e mensagens persuasivas alcancem o efeito planejado nos públicos anteriormente selecionados.

Diversas áreas de conhecimento são utilizadas como base teórica na formação e emprego do Operador Psicológico, dentre elas podemos citar: Sociologia, Antropologia, Ciências da Comunicação, Linguística, Publicidade e Propaganda, Psicologia, Ciência Política e Relações Internacionais, dentre outras. Caso haja a necessidade de uma análise aprofundada em alguma das áreas de conhecimento citadas, poderíamos utilizar ainda o assessoramento complementar de profissionais especializados.

A capacitação do pessoal na MB se dá pelo Estágio de Operações Psicológicas no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, por cursos no EB e no exterior (Figura 2).

Figura 2: Oficial do CFN no *Psychological Operations Training 2022* em Fort Bragg (NC), EUA



Fonte: O autor.

2.2. Ações Cibernéticas

Na clássica divisão do tempo, o ano de 2001 é considerado por muitos como o marco inicial para a Era da Informação. Setores essenciais à condução da vida moderna passaram a realizar suas atividades, apoiados em redes de computadores, essas cada vez mais interconectadas, velozes e confiáveis, recebendo o nome de *Internet*.

A *Internet* reduziu distâncias, descentralizou processos e distribuiu informação numa velocidade absurda, fazendo a sociedade experimentar mudanças profundas num espaço de tempo cada vez menor. Porém, o ambiente operacional tornou-se saturado, com fluxo lento e caótico.

2.2.1 O Espaço Cibernético

Na dimensão informacional encontra-se o Espaço Cibernético, espaço virtual, composto por um conjunto de canais de comunicação da *internet* e outras redes de comunicação que garantem

a interconexão de dispositivos de Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC) e que engloba todas as formas de atividades digitais em rede, incluindo o armazenamento, processamento e compartilhamento de conteúdo, além de todas as ações, humanas ou automatizadas, conduzidas através desse ambiente.

Nas análises militares, o Espaço Cibernético passou a figurar como mais um domínio, somando-se aos já consagrados: terrestre, marítimo, aéreo e espacial. Ele pode ser descrito em três estratos (perspectivas) inter-relacionadas: físico, lógico e identidades virtuais (ou avatares). Cada estrato representa um foco diferente quanto à análise, planejamento, condução e avaliação das ações e atividades (Figura 3).

Figura 3: Modelo de Três Estratos do Espaço Cibernético

O Modelo de Três Estratos (Perspectivas)



Fonte: O autor.

No Cibernético, como nos seus predecessores, quando os conflitos de interesse e a necessidade de projetar poder não são equacionados pacificamente, a guerra é gerada. Nesse caso particular, guerra num ambiente predominantemente digital, em que os soldados são substituídos por combatentes cibernéticos e suas armas por artefatos cibernéticos maliciosos: Surge a Guerra Cibernética.

2.2.2. A Guerra Cibernética

Guerra Cibernética corresponde ao uso ofensivo e defensivo de informação e Sistemas de Informação para negar, explorar, corromper, degradar ou destruir capacidades de Comando e Controle (C2) do adversário, no contexto de um planejamento militar de nível operacional ou tático ou de uma operação militar. Compreende ações que envolvem as ferramentas de TIC para desestabilizar ou tirar proveito dos Sistemas de C2 do oponente e defender os próprios sistemas.

Essa guerra é conduzida, em linhas gerais, pela execução de ações cibernéticas do tipo Proteção, Exploração e Ataque. As ações envolvem o emprego de ferramentas disponíveis no campo da TIC, visando desestabilizar os ativos de informação oponentes e, também, possibilitar a proteção dos ativos de informação de interesse. Essas ações ocorrem no Espaço Cibernético, domínio operacional que permeia os demais domínios interdependentes.

Ao atuar no domínio cibernético empregando as ferramentas que lhe são próprias, busca-se exercer algum grau de controle sobre o espaço cibernético, a fim de atingir os propósitos determinados, dos quais se destacam:

- Dissuasão
- Liberdade de Ação no Espaço Cibernético
- Negar o Uso do Espaço Cibernético
- Superioridade ou Supremacia Cibernéticas.

O emprego das capacidades cibernéticas ocorre através das operações cibernéticas, atividades que visam atingir objetivos no e/ou através do espaço cibernético. Elas podem ser ofensivas ou defensivas.

A guerra cibernética pode ter seu planejamento operacional próprio ou ser planejada para atuar em apoio às OpInfo. Neste caso, atuará como uma CRI.

Em apoio às Operações de Informação, as ações de Guerra Cibernética serão empreendidas em sincronia com outras Capacidades, integrando ações ofensivas e defensivas dentro do Espaço Cibernético. As ferramentas de Guerra Cibernética contribuem para a obtenção da Superioridade de Informações, além de impulsionar outras CRI.

2.3. Ações de Guerra Eletrônica (GE) e de Guerra Acústica (GA)

As ações de GE são ações desenvolvidas por pessoal especializado que se preocupam fundamentalmente com a garantia do uso do espectro eletromagnético por nossas forças ao tempo em que busca neutralizar, interferir e tirar proveito das emissões inimigas. Abrangem um conjunto de medidas operativas que são divididas em Medidas de Apoio de Guerra Eletrônica (MAGE), Medidas de Ataque Eletrônico (MAE) e Medidas de Proteção Eletrônica (MPE).

As ações de GA contemplam o conjunto de ações que envolvem o emprego da energia acústica submarina para determinar, explorar, reduzir ou prevenir o uso do espectro acústico submarino pelo inimigo e, para assegurar o seu uso pelas próprias forças.

Os modernos sistemas de comando e controle utilizam-se de emissões eletromagnéticas e do emprego da energia acústica submarina. Assim, as ações em tela se relacionam diretamente com as OpInfo pela manutenção de nossa capacidade decisória e na degradação da capacidade inimiga.

O CFN adquiriu novos meios de GE, como parte integrante do Sistema Integrado de Comando e Controle da Marinha do Brasil (SIC2MB). Constarão do inventário da Companhia de Inteligência de Sinais do BtlCmndCt (Figura 4).

Figura 4: Viatura do módulo de Guerra Eletrônica do SIC2MB



Fonte: Batalhão de Comando e Controle.

A capacitação do pessoal na MB se dá por cursos e estágios nos centros que integram o Sistema de Ensino Naval, no EB e no exterior.

2.4. Assuntos Cívicos

São atividades conduzidas por pessoal especializado para reduzir a interferência das operações militares sobre a população na zona de ação. O esforço se concentra na busca de sinergia entre as forças militares, o governo e a população em assuntos políticos locais,



Figura 5: Oficial do CFN em Exercício Multinacional de Resposta a Emergências
Fonte: O autor.

em atividades econômicas e serviços públicos principalmente. Tem como propósito contribuir para a liberdade de ação oferecendo um ambiente favorável às nossas forças, assim diferenciando-se da Ação Cívico-Social que é meramente assistencialista, mas que também pode ser empregada em prol das Oplnfo.

Atua sobre a componente cognitiva da dimensão informacional, oferecendo legitimidade para nossas ações (Figura 5).

A capacitação do pessoal da MB se dá por cursos e estágios na MB, no EB e no exterior.

2.5. Operações Especiais

Na Doutrina Militar Naval (DMN), as Operações Especiais são aquelas de duração limitada, conduzidas em ambientes sensíveis, por tropa rigorosamente selecionada, treinada e equipada, empregando capacitações específicas normalmente não encontradas em forças convencionais. Tais operações visam a consecução de objetivos situados no amplo espectro dos níveis de condução de um conflito, podendo, inclusive, alcançar efeitos que extrapolem a expressão militar do Poder Nacional (BRASIL, 2017b).

Por suas características, em que pese não serem consideradas como CRI, as OpEsp possuem grande potencial de gerar impactos consideráveis na dimensão informacional, contribuindo de forma significativa com as Oplnfo (BRASIL, 2018). Destaca-se, por exemplo, a possibilidade de se realizar ações cinéticas (ataques físicos) para degradar CRI de Forças Inimigas/Adversas, atuando, particularmente, na componente física da dimensão informacional. Nessa perspectiva, podem ser identificados alvos compensadores às OpEsp, como infraestruturas de informação: centros de comando e controle, instalações de fornecimento de energia, torres de micro-ondas, torres de radiocomunicação etc. (BRASIL, 2020b).

3. As Oplnfo nos GptOpFuzNav

Os GptOpFuzNav privilegiam a Guerra de Manobra em detrimento à atrição. Esta forma de condução de conflitos, normalmente, buscará a atuação nos campos moral, mental e físico afetando a coesão mental e sistêmica. Desta forma, as Oplnfo vêm a se somarem às opções que o Comandante terá para cumprir sua missão.

O Comandante de um GptOpFuzNav poderá contar em seu Estado-Maior (EM) com um Oficial de Oplnfo para coordenar as atividades desenvolvidas pelos Oficiais de Ligação das CRI existentes, normalmente de OpPsc, da GCiber, de Ass Civ e de ComSoc. Não esqueçamos dos destacamentos e equipes táticas das CRI, que estarão no terreno executando as ações planejadas e que comporão, também, os GptOpFuzNav.

O Comandante organizará sua Força para o cumprimento da missão, mas há duas formas de organização das Oplnfo recomendadas por esta OMOT:

- as Oplnfo compondo a Seção de Operações, o que permitirá melhor foco na busca do Estado Final Desejado, mas que poderá sobrecarregar esta Seção; e
- as Oplnfo compondo uma Seção própria, o que facilitará a correspondência com o escalão superior, mas adicionará supervisão ao Chefe do Estado-Maior.

Acima do GptOpFuzNav teremos a Força Naval Componente e o Comando do Teatro de Operações. Nestes, as Oplnfo serão uma Seção de seu EM, nominada M-8 e D-8 respectivamente.

Os efeitos que podem ser atribuídos às Oplnfo são o desenvolvimento de uma narrativa que justifique o Estado Final Desejado; contribuir para o fortalecimento do moral de nossa Força e a redução do moral adverso; desacreditar as lideranças adversas; e contribuir com nossa consciência situacional e a degradação da consciência adversa.

Podemos listar como ações coordenadas pelas Oplnfo uma ampla gama de tarefas, em que destacamos: notas à imprensa, *press release*, *clipping*, produtos audiovisuais de OpPsc, estabelecimento de um Centro de Coordenação Civil Militar, ligação com o poder civil local, neutralização de infraestruturas de TIC entre outras.

4. Conclusão

A presença das Oplnfo nos GptOpFuzNav permite a sinergia informacional que contribui para o cumprimento da missão e avaliamos como uma prática recomendada (Figura 6).

Figura 6: Sinergia Informacional buscada pelas Oplnfo



Fonte: O autor.

Há uma crescente capacitação de fuzileiros navais nas diversas CRI, reforçando que o CFN está atento às mudanças no Ambiente Operacional e sabedor que não serão poucas as oportunidades para o aperfeiçoamento do Corpo.

Concluimos, sem esgotar este assunto, que a evolução vem a partir da aceitação de desafios. Aperfeiçoamento da doutrina, qualificação de pessoal e aquisição de recursos materiais se mostram como oportunidades de melhoria das Oplnfo nos GptOpFuzNav.

Adsumus!



Referências

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **EB20-MC-10.213**: Operações de Informação. [manual de campanha]. Brasília, DF: EME, 2014.

BRASIL. Marinha. Comando de Operações Navais. **ComOpNav-359**: manual de Operações Especiais. Rio de Janeiro: ComOpNav, 2017a.

BRASIL. Marinha. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-0-1**: manual básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro: CGCFN, 2020a.

BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-305**: doutrina Militar Naval. Brasília, DF: EMA, 2017b.

BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-335**: doutrina de Operações de Informação. Brasília, DF: EMA, 2018.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **MD30-M-01**: doutrina de Operações Conjuntas. 2. ed. Brasília, DF: EMCF, 2020b. v. 1.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **MD35-G-01**: glossário das Forças Armadas. 5. ed. Brasília, DF: EMCF, 2015.